

Promoção 007.
Pipoca com prêmio
pra você.

007
Em qualquer cinema.
Se você preferir, também
pode assistir ao filme no
seu próprio espaço, por um
preço especial. Apenas
em alguns locais.

CULTURA & Lazer

Diário do Grande ABC • Quarta-feira, 22 de janeiro de 2003

João Bosco
celebra 30 anos
de carreira com
CD de inéditas
Página 3

Cia. do Nó segue na batalha

Trupe teatral andreense inicia ano com cursos, bons projetos e monólogo premiado em cartaz

Mauro Fernando
Da Redação

Não faltam projetos para a andreense Cia. do Nó, nascida em julho de 1999. Estão engatilhados a peça *Atores de Hamlet* (título provisório, estreia neste semestre), uma temporada em São Paulo do infantil *Os Três Porquinhos - A Verdadeira História* a partir de maio e dois monólogos. O grupo planeja colocar em cartaz outro infantil, adaptação de um clássico, até outubro. Além disso, a Cia. do Nó Espaço Teatral, no Jardim Bela Vista, abriga cursos de interpretação, com técnicas corporal e vocal, e de história do teatro.

Paralelamente, o monólogo *Fantina*, com Renata Moré, estreou na semana passada e permanece em cartaz até 16 de fevereiro na Cia. do Nó Espaço Teatral. A trilha de *Os Três Porquinhos - A Verdadeira História* deve ser lançada até abril. *Esdras Domingos*, Renata e Rogério César compõem o núcleo da companhia, que está em sua sexta montagem. *Fantina*, que deu o prêmio de melhor atriz a Renata no Fetsa (Festival de Teatro Amador de Santo André) de 1999, ganhou remodelação enraizada com o atual momento do grupo, já profissionalizado.

Com *Atores de Hamlet* - Zeca Capellini assinará a direção -, a Cia. do Nó pretende discutir o



Renata Moré como Fantina, personagem-título do monólogo que lhe deu o prêmio de melhor atriz no Fetsa, hoje remodelado

que movimentam as pessoas e como elas contornam obstáculos. "A pesquisa inclui a trajetória de grandes personagens. Por meio de analogias, a peça

falará também sobre o Grande ABC, sem abandonar a universalidade", diz Domingos. O grupo estuda Che Guevara, Dante Alighieri, Galileu, Lula,

Shakespeare. Pela primeira vez, foi chamado um diretor para pilotar uma montagem: "É importante um olhar externo. O Zeca depura, dá o sentido".

O teatro é espaço da imaginação e a realidade se mostra um tanto mais crua. O primeiro revés sofrido pela companhia foi uma enchente há dois anos

que deixou sua primeira sede, em Santa Terezinha, com um metro de água - o grupo perdeu desde computador até cenários e figurinos de suas produções. Para por feição no prato, Domingos, Renata e César - a Cia. do Nó conta com atores convidados em suas montagens - precisam exercer outras atividades.

Renata é funcionária do Departamento de Cultura de Santo André. Além de ministrar oficinas teatrais para crianças de 7 a 14 anos no Centro Comunitário Parque Erasmo Assunção, em Santo André, Domingos e César são clowns em hospitais paulistanos, com a função de animar pacientes. "O foco são as crianças, mas trabalhamos também com funcionários, já que eles também podem brincar com os pacientes", afirma Domingos. Essa experiência é levada para a companhia: "A comunicação com crianças é fundamental nos espetáculos infantis", diz Rogério.

Institucionalizada como ONG (Organização Não Governamental) há um ano, a Cia. do Nó pretende transformar-se em Oscip (Organização de Sociedade Civil de Interesse Público). "Queremos acabar com títulos burocráticos. Como Oscip, prestaremos contas não ao Ministério, mas diretamente ao patrocinador, que continua abatendo o valor investido do Imposto de Renda", afirma Renata.

teatro/critica

Renata Moré conduz Fantina com segurança

Mauro Fernando
Da Redação

Inspirada em personagem de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo (1802-1885), *Fantina* é uma velha mendiga. Certo dia volta para sua miserável casa com alguns batatas, com as quais pretende comemorar o aniversário do filho. Eles não vivem juntos - ela, então, aguarda

sua chegada. Enquanto espera, *Fantina* conversa com uma imagem de *santo Espedico*, padroeiro das causas justas e urgentes. Sob a direção de *Esdras Domingos*, Renata abordou o papel-título.

O texto, de *Domingos e Renata*, aborda principalmente a relação entre a mãe e o filho, delatando em segundo plano os aspectos sociais inerentes à

condição de *Fantina*. Ainda que toquem em pontos materiais, como quando a mendiga reclama de uma "corja de rico, de mão fechada, que não até nós", os autores concentram a atenção de *Fantina* na conturbada relação que ela, aos poucos, descortina para o santo. É, naturalmente, para o platô.

O foco no conflito mãe-filho

confere mais dramaticidade - o, claro, teatralidade - ao texto, sem que se perca de vista as questões sociais e sem que estas sejam expostas de maneira ostensiva. À sua maneira, a própria mendiga faz referências à sua condição, retratada com correção pelo cenário e pelo figurino, assinados por Rogério César e nos quais destaca-se o bom trabalho com

tonalidades.

Renata conduz sua *Fantina* com segurança. Apesar de sua juventude, dá credibilidade à velha. Agenes em um ou outro momento alonga pausas que a dramaturgia pede, o que provoca pequenos hiatos na narrativa. Não é algo, entretanto, que transforme a interpretação num equívoco. Em instantes alguns a atriz compromete

sua atuação com sacorregões melodramáticos.

O monólogo *Fantina* se resente, todavia, de um desenho de luz que insinua estados de alma de *Fantina*. Não se trata de um trabalho que reforce e interprete - o que não se faz necessário - mas que enriqueça a encenação.

Mais informações no *Notiário*, à página 4.